

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 7 • 1997/1998



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
1997/1998

**ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**  
Volume 7 • 1997/1998    ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E  
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso  
PREFÁCIO - Isaltino Morais  
MENSAGEM - Conselho Académico da Academia Portuguesa da História  
FOTOGRAFIA - Autores assinalados  
DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos  
                  devidamente assinalados  
PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa  
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho  
                                  de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras  
                                  2780 OEIRAS

*Aceita-se permuta*  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E  
REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso  
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 938 14 50  
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**Estudos Arqueológicos de Oeiras,**  
7, Oeiras, Câmara Municipal, 1997/1998, pp. 35-45

## **A OFICINA DE TALHE DO SÍLEX DO MONTE DO CASTELO (LECEIA, OEIRAS)<sup>(1)</sup>**

João Luís Cardoso<sup>(2)</sup> & José Norton

### **1 - INTRODUÇÃO E AMBIENTE ARQUEOLÓGICO**

O Monte do Castelo, pequena colina basáltica correspondente à raiz de um aparelho vulcânico de idade fini-cretácica, que se ergue de 900 m a Sul do povoado pré-histórico de Leceia possui, nas suas adjacências, diversos testemunhos arqueológicos, em boa parte já dados a conhecer. Na carta arqueológica do concelho de Oeiras (CARDOSO & CARDOSO, 1992), foi-lhe atribuído o número 40, no inventário geral das estações reconhecidas.

Com efeito, o sítio despertou precocemente a atenção dos investigadores: já Carlos Ribeiro, atendendo à situação geográfica da pequena elevação, entre o local do povoado pré-histórico de Leceia e a foz do Tejo, da qual dista cerca de 2 km (Fig. 1), o considerou como atalaia daquele importante povoado pré-histórico. (RIBEIRO, 1878). Contudo, os testemunhos arqueológicos não ocorrem na parte mais alta, nem nas encostas do pequeno outeiro: dispersam-se pela sua adjacência, correspondendo a diversas épocas e tipos de materiais. Assim, na frente de exploração de antiga pedreira de calcários (hoje totalmente preenchida por aterros), outrora situada do lado setentrional da elevação, identificou-se os restos de uma gruta artificial, da qual subsistia apenas parte da câmara (OLIVEIRA & BRANDÃO, 1969), onde se recolheram restos osteológicos humanos, entretanto estudados (CARDOSO, CUNHO & AGUIAR, 1991). A datação obtida coloca tais tumulações no Neolítico final estremenho (CARDOSO & SOARES, 1994), portanto contemporâneas dos primeiros povoadores de Leceia e com eles certamente relacionadas.

Do lado oriental da referida pedreira, em cavidades do “lapiás” preenchidas por “terra rossa”, deparou A. Gonzales com alguns materiais arqueológicos (CARDOSO, 1980), entre eles fragmento de

---

<sup>(1)</sup> Trabalho preparado pelo primeiro dos signatários, com base em materiais arqueológicos recolhidos pelo segundo.

<sup>(2)</sup> Da Academia Portuguesa da História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa), Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras.

belo copo com decoração canelada de palmetas, pequena enxó de anfibolito e duas lâminas ovais de retoque cobridor, materiais entretanto já publicados (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996, Fig. 2, n.º 1 a 3 e 11), os quais configuram uma ocupação do sítio, de carácter habitacional, no decurso do Calcolítico Inicial. A estas recolhas, juntaram-se ulteriormente outras, resultantes de prospecções dos dois signatários, efectuadas na mesma zona, as quais reforçaram a atribuição cultural proposta para a referida ocupação: com efeito, o conjunto das cerâmicas decoradas encontra-se exclusivamente representado por elementos pertencentes ao Calcolítico inicial estremenho (Fig. 2). Os materiais líticos ora estudados acompanhavam tais materiais; desta forma, é lícito reportá-los, igualmente, àquela fase cultural. Esta ocupação humana, circunscrita a pequeno trecho de terreno a Nordeste da elevação, limitado pelo antigo perímetro da pedreira, não deve ser confundida com o local onde um de nós (J.N.) recolheu conjunto homogéneo de época campaniforme tardia, já estudado, situado algumas dezenas de metros a Sudeste do morro (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996).

## 2 - DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS

Será dada especial atenção aos artefactos líticos, já que do escasso conjunto cerâmico, os materiais mais relevantes foram entretanto publicados (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996, Fig. 2).

Todos os artefactos líticos são confeccionados em sílex acinzentado de origem local. Entre abundantes lascas residuais ou esquirolas de talhe, que na altura não foram recolhidas, reconheceram-se elementos de tipologia melhor definida, adiante descritos. Neste conjunto, avultam os núcleos de lâmelas, obtidas por percussão indirecta ou por pressão, representados por três exemplares (Fig. 2, n.º 1 e 5; Fig. 3, n.º 6), um deles exausto (Fig. 3, n.º 6): trata-se de um delgado núcleo tubular, de lascamento frontal unipolar, cujo reverso se encontra totalmente ocupado pela superfície primitiva do nódulo, sendo inviável o prosseguimento da debitagem. Outros núcleos, contudo, ilustram estádios precoces de exploração: são exemplo os da Fig. 3, n.º 2, que corresponde a nódulo com um plano de percussão preparado através de um levantamento horizontal, partir do qual se esboçou a organização, que não prosseguiu. Situação análoga observa-se no exemplar da Fig. 3, n.º 5.

Os escassos instrumentos reconhecidos foram integralmente representados neste trabalho. Deste modo, consideraram-se os seguintes grupos tipológicos:

- denticulados - um exemplar (Fig. 2, n.º 6);
- entalhes ("encoches") - dois exemplares (Fig. 2, n.º 2 e 4);
- raspadores assimétricos - um exemplar (Fig. 3, n.º 3);
- raspadores simples convexos - representado pelo grande exemplar da Fig. 3, n.º 4 e pelo da Fig. 4, n.º 5, estes possuindo bordo denticulado;
- raspadores simples côncavos - um exemplar, obtido por levantamentos semi-abruptos (Fig. 4, n.º 3);

- raspadeiras - constituem grupo importante; possuem em geral gumes espessos, obtidos por retoque abrupto, sendo algumas atípicas (Fig. 2, n.º 7; Fig. 3, n.º 1; Fig. 4, n.ºs 4 e 6);
- pontas - representadas por exemplar atípico (Fig. 4, n.º 2);
- lâminas - representadas por exemplar fracturado (Fig. 4, n.º 1);
- lascas retocadas - trata-se de exemplar muito sumariamente trabalhado, não atingindo o estatuto de verdadeiro utensílio. Os levantamentos que exhibe podem corresponder, apenas, a simples acções mecânicas devidas à utilização (Fig. 2, n.º 3).

### 3 - DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

No conjunto das indústrias líticas do Monte do Castelo avultam os núcleos, representados por cinco exemplares, sobre os restantes catorze produtos de debitage recolhidos, transformados em diversos utensílios. Crê-se que esta realidade decorre do carácter funcional do sítio. Com efeito, a alta percentagem relativa daquelas peças, parece configurar a hipótese de o Monte do Castelo corresponder a pequeno núcleo habitacional especializado na exploração e formação de nódulos siliciosos destinados a aproveitamento ulterior em povoados permanentes, designadamente no de Leceia. Tal conclusão encontra-se reforçada não apenas pelos escassos utensílios recolhidos, contrastando com a grande quantidade de produtos de debitage, mas ainda pela escassez de restos cerâmicos, que corresponderiam apenas ao indispensável requerido pelos poucos artífices que permaneceriam, mais ou menos quotidianamente, no sítio.

Neste contexto, a presença de núcleos em estádios avançados de exploração, ou mesmo exaustos, não é incompatível com a interpretação funcional proposta: situação idêntica foi observada e discutida na oficina de talhe do sílex neo-calcolítica de Casas de Baixo, Vila Nova de Ourém (ZILHÃO, 1994). Com efeito, a região onde se implanta o Monte do Castelo é rica de nódulos siliciosos, de medianas dimensões, existentes no seio dos calcários cenomanianos aflorantes no próprio local. Já anteriormente, foi noticiada oficina de talhe do sílex, neo-calcolítica, com núcleos lamelares idênticos aos descritos (Fig. 5), situada a menos de 1 km para Nordeste, no sítio de Barotas (CARDOSO & COSTA, 1992), a qual foi também relacionada com o povoado pré-histórico de Leceia, do qual dista cerca de 500 m. Neste último, com efeito, recolheram-se diversas destas peças (Fig. 6), em contextos do Calcolítico inicial e do Calcolítico pleno (CARDOSO, 1981, Est. 4, n.º 60; CARDOSO, 1997), cuja origem é de reportar tanto a um como ao outro destes sítios de características especializadas.

Por outras palavras: o sucesso económico da formação social que, no decurso do Calcolítico inicial e do Calcolítico pleno, ocupou o esporão de Leceia resultou, em boa parte, de uma exploração metódica e regrada dos recursos naturais potencialmente disponíveis na região imediatamente adjacente, directamente subordinada àquela comunidade e por ela intensamente utilizada. Entre tais recursos figurava, em lugar de destaque, o sílex, cujas ocorrências justificaram a respectiva exploração, provavelmente através de pequenas minas a céu aberto. Assim se constituíram reservas económicas que

possibilitaram não apenas o auto-abastecimento mas sobretudo o estabelecimento de permutas, tendo em vista a obtenção de outras matérias-primas de origem geológica, igualmente necessárias à satisfação das tarefas quotidianas das populações sediadas em Leceia.

Daquela forma se explica a ocorrência de sílex cinzento ou esbranquiçado, de origem estremenha, em numerosas estações do Alto Alentejo e do Sul da Beira Interior e, inversamente, o abastecimento maciço, desde o Neolítico Final, dos povoados da orla ocidental, em rochas anfibolíticas, oriundas daquelas duas regiões, aproveitando os vales do Tejo e dos seus afluentes, como vias de circulação e de comércio estáveis e duradouras. Com efeito, conforme se verificou em Leceia, cerca de 70% das rochas duras utilizadas na confecção de machados e de enxós são anfiboloxistos (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995), facto que bem demonstra a importância das permutas de carácter trans-regional então estabelecidas.

Além da exportação, o sílex explora no Monte do Castelo e em Barotas destinava-se naturalmente ao abastecimento de Leceia, como provam os núcleos de lamelas ali encontrados, em tudo idênticos aos oriundos daqueles dois sítios. A abundância de sílex era tal, que mesmo os grandes percutores esferoidais, tão comuns em Leceia, eram de sílex. Com efeito, em Leceia encontra-se confirmada a cadeia operatória identificada no povoado calcolítico do Zambujal (UERPMANN, 1995): enquanto utensílios de pequenas dimensões (pontas de seta, furadores) eram fabricados no povoado a partir de retoque cobridor, seriam obtidas a partir de grandes lascas importadas em bruto. Prova disto é a recolha em Leceia de peças em estádios sucessivos de transformação naquele tipo de artefactos (CARDOSO, 1997, p. 56), tanto de sílex acinzentado, compatível com o explorado naqueles dois locais, como de sílex avermelhado (este de origem mais longínqua).

Deste modo, o interesse principal da pequena estação arqueológica dada agora a conhecer é o de vir ilustrar a exploração metódica de um recurso natural, à época estratégico, em período conectável com o apogeu do povoado pré-histórico de Leceia – o Calcolítico inicial – certamente por parte de populações dali oriundas, tendo em vista não só o abastecimento para as suas próprias necessidades mas, sobretudo, a constituição de reservas destinadas à exportação: aí residiria uma das razões do manifesto sucesso económico das sucessivas comunidades ali instaladas.

## BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1980) – O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée. 1.<sup>a</sup> Parte. *Revista de Guimarães*, 90, p. 211-304.
- CARDOSO, J. L. (1991) – O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2.<sup>a</sup> Parte. *Revista de Guimarães*, 91, p. 190-233.

- CARDOSO J. L. (1997) – *O povoado de Leceia sentinelado do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras, Instituto Português de Museus/Câmara Municipal de Oeiras, 128 p.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1992) – Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, p. 1-126.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHOSA, A. de Barros e (1995) – Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análises de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 123-151.
- CARDOSO, J. L. & COSTA, J. B. (1992) – Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 229-245.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*, Série II, 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S. & AGUIAR, D. (1991) – O homem pré-histórico no concelho de Oeiras – estudos de Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 287-299.
- OLIVEIRA, A. & VALLE-BRANDÃO, J. (1969) – Descoberta de restos de uma possível gruta artificial em Leceia. *O Arqueólogo Português*, Série III, 3, p. 287-290.
- RIBEIRO, C. (1878) – *Notícia da estação humana de Licêa*. Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 69 p.
- UERPMANN, M. (1995) – A indústria da pedra lascada no Zambujal – alguns resultados. In M. KUNST (ed.): *Origens, estruturas e relações das culturas calcólicas da Península Ibérica*. Actas das Primeiras Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras (Torres Vedras, 1987). Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, p. 37-43.
- ZILHÃO, J. (1994) – A oficina de talhe neo-calcolítica de Casas de Baixo (Caxarias, Vila Nova de Ourém). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, p. 35-45.



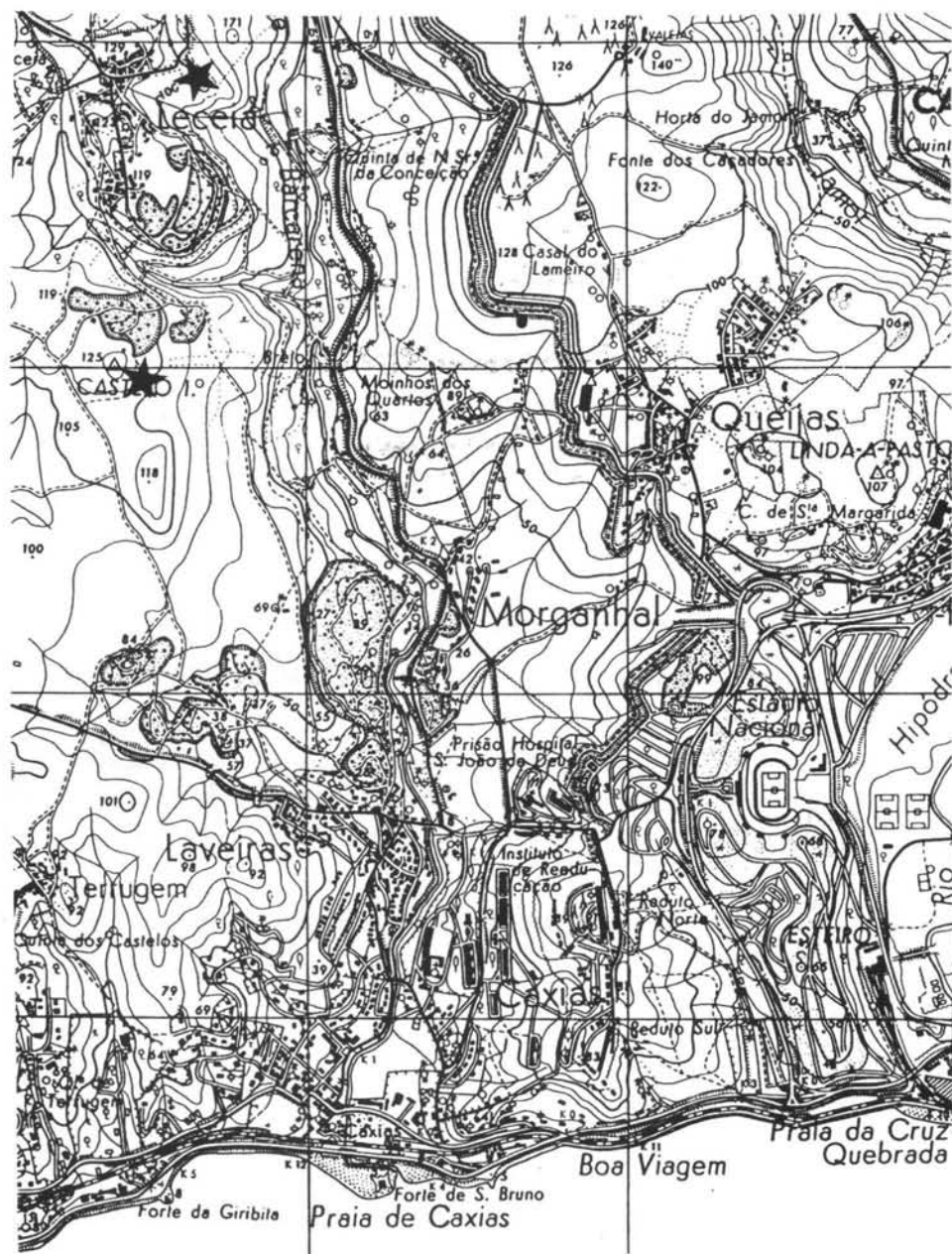


Fig. 1 - Localização da oficina de talhe do sílex do Monte do Castelo, junto ao topónimo do mesmo nome, face à implantação do povoado pré-histórico de Leceia, cerca de 1 km a NNE. Extracto da Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000, Folha 430 (Oeiras). Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1970.



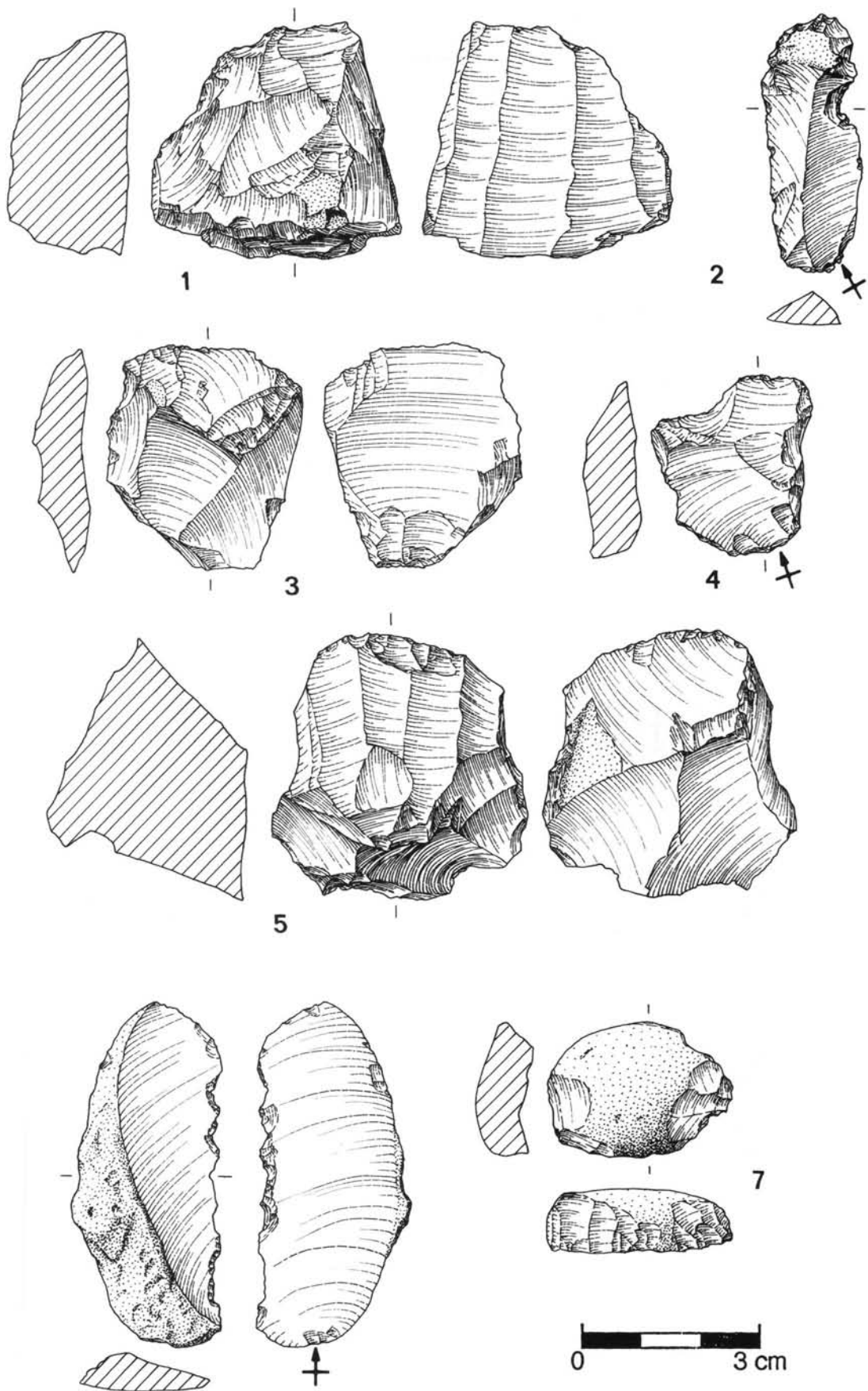


Fig. 2 - Oficina do Monte do Castelo, Leceia. Indústria lítica.

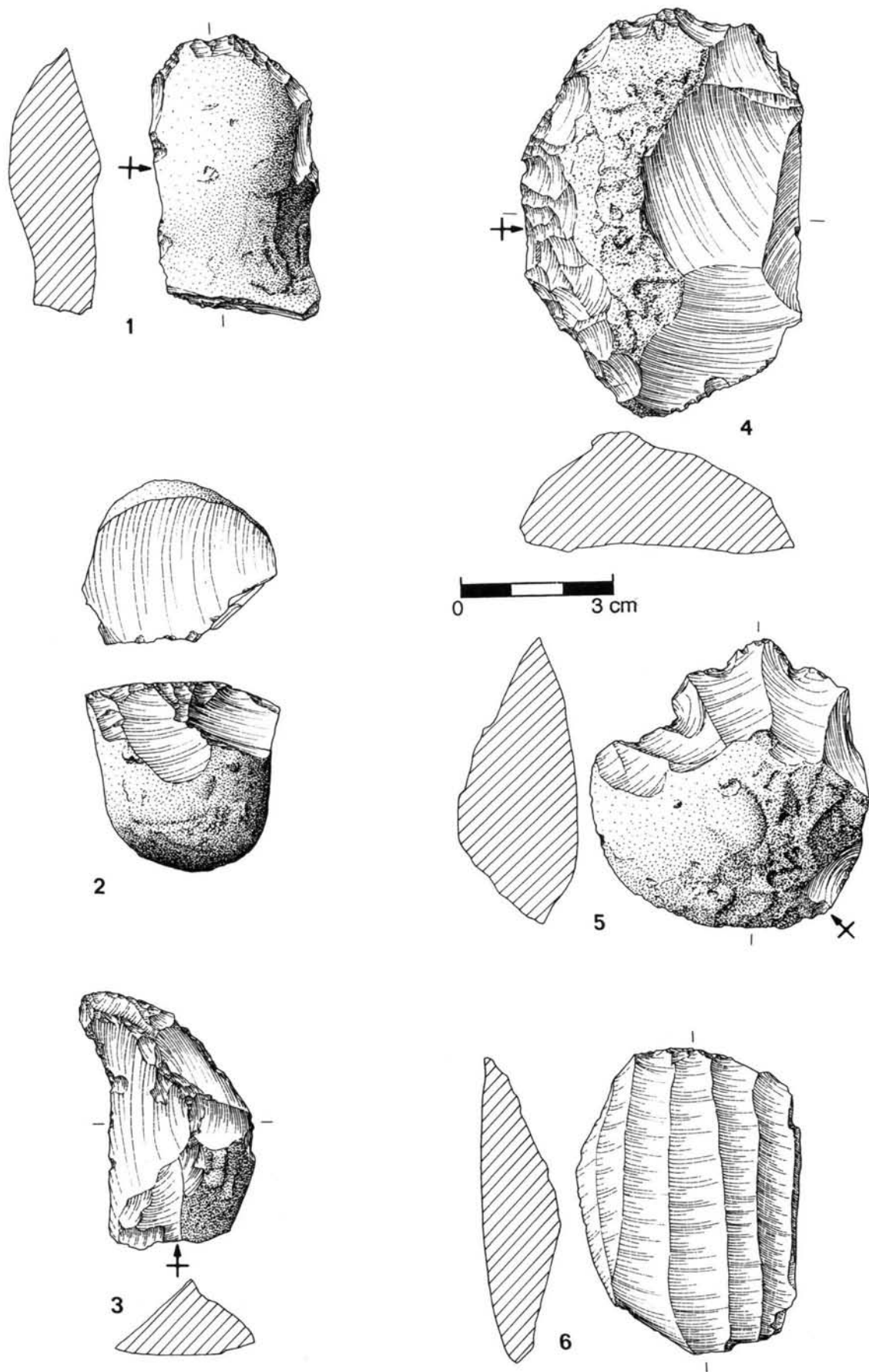


Fig. 3 - Oficina do Monte do Castelo, Leceia. Indústria lítica.

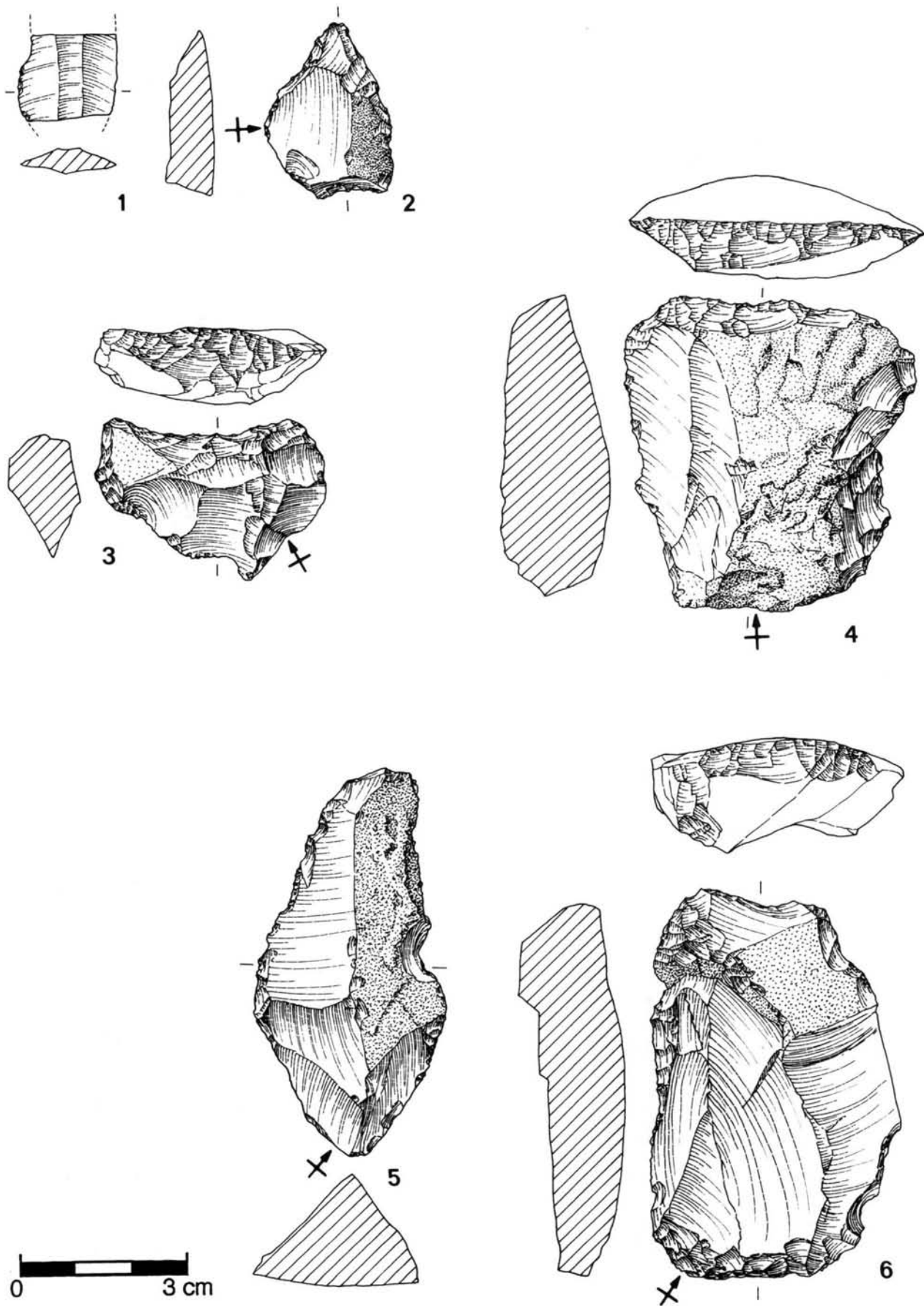


Fig. 4 - Oficina do Monte do Castelo, Leceia. Indústria lítica.

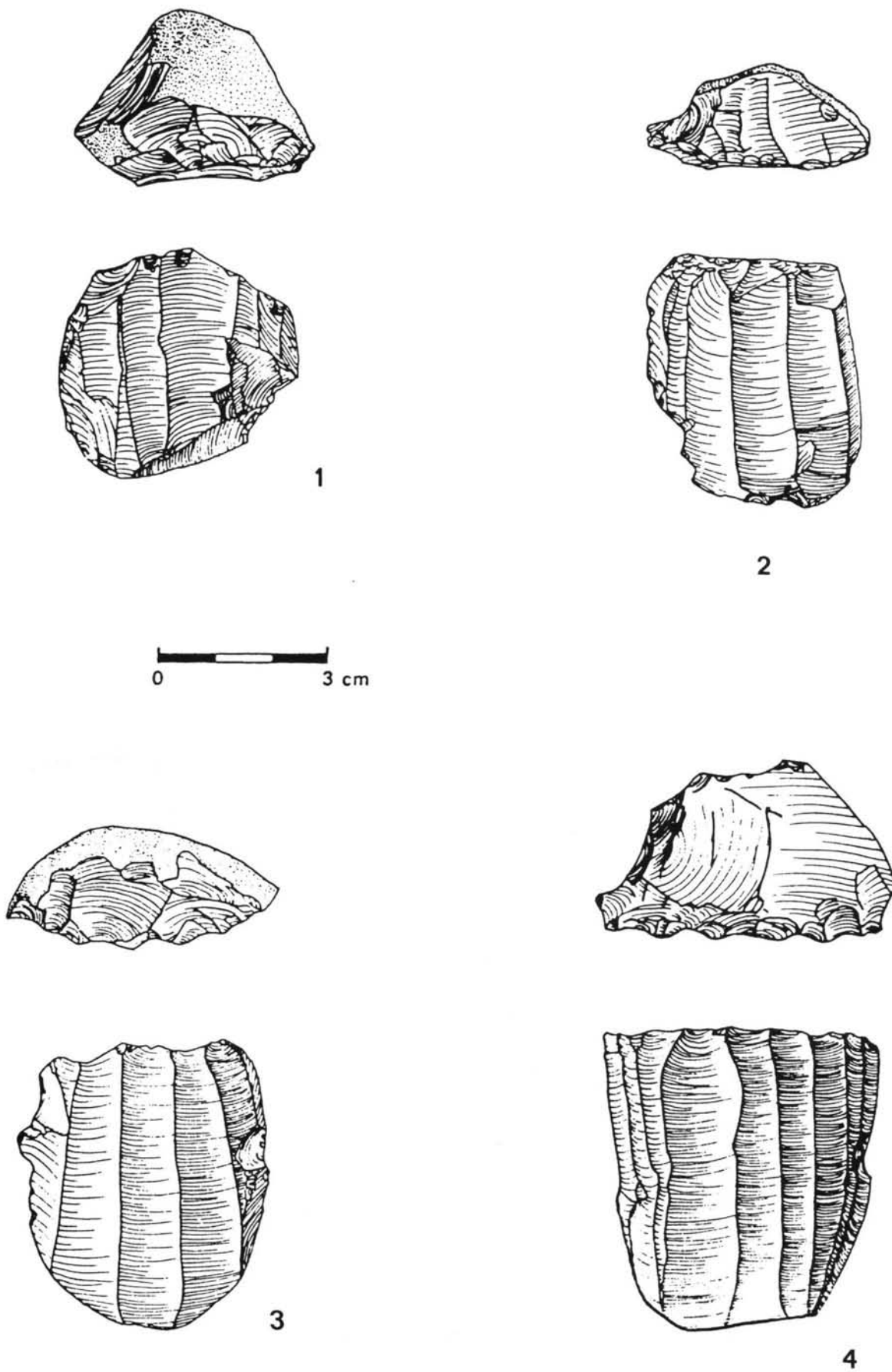
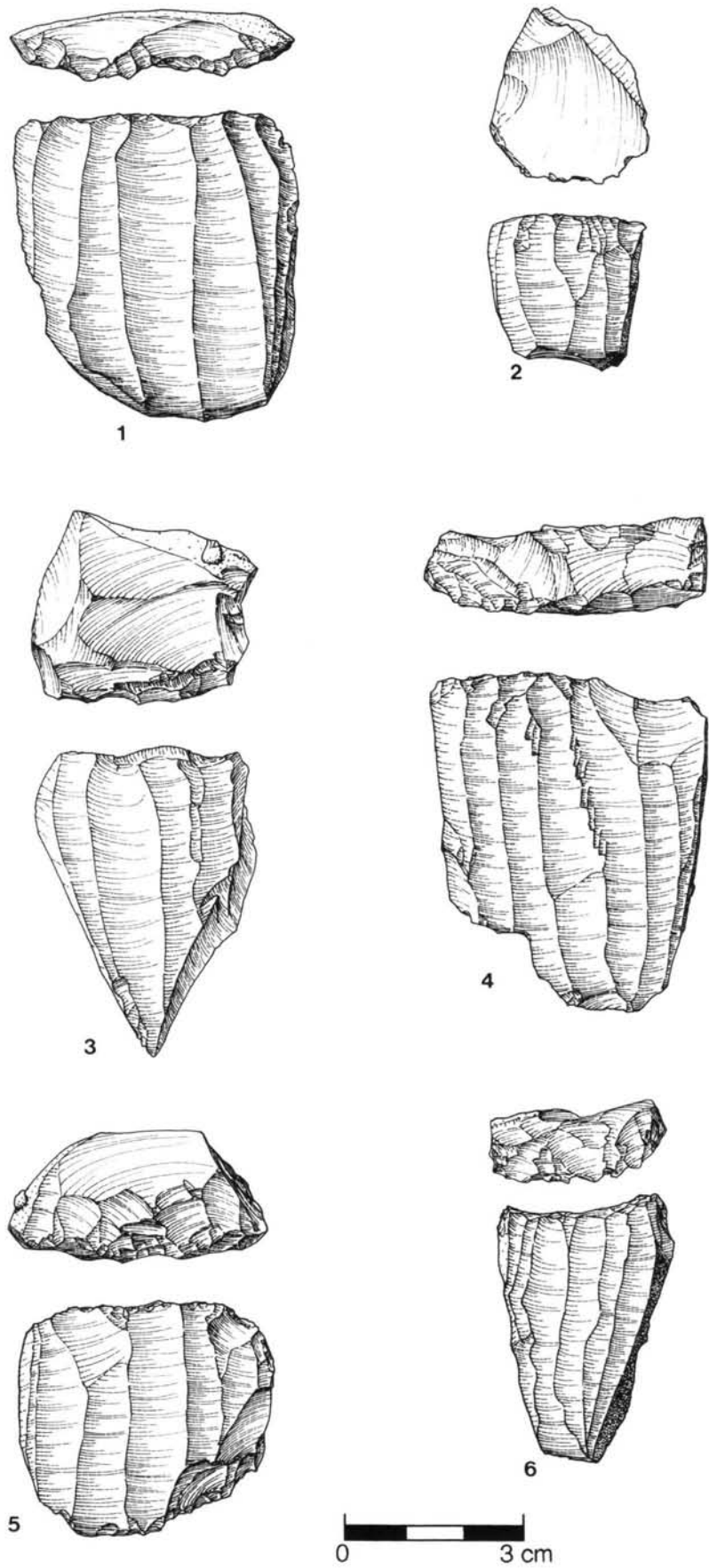


Fig. 5 - Oficina de Barotas, Leceia. Núcleos de sílex cinzento (seg. CARDOSO & COSTA, 1992, Est. 2).



**Fig. 6** – Povoado pré-histórico de Leceia. Núcleos de sílex cinzento. Neolítico Final (1, 2); Calcolítico Inicial (6); Calcolítico Pleno (3 a 5).